

Retomando a Coragem

O consumo de energia elétrica aumentou 22% em maio, na região servida pela Cesp. Os indicadores da Eletropaulo, que serve a 70% da indústria paulista, apontam o aumento próximo de 25% em relação a abril. Estes dados mostram inequívoca recuperação da atividade industrial, pois, em abril, o consumo já crescera.

Isto é bom porque ocorre depois de quase dois anos de estagnação econômica e após o forte efeito recessivo provocado pelo congelamento inicial de 70% da poupança financeira, no Plano Collor I. O mais importante é que a retomada se dá num momento em que os indicadores de inflação referentes a maio apontam para a menor taxa mensal, em quatro anos. A inflação foi contida graças à recessão, mas a retomada da economia se faz sem pressões inflacionárias ameaçadoras.

Podem-se esperar, pelo efeito calendário, níveis maiores do que os 5,76% a 8,93% registrados para os indicadores de preços de junho, à medida em que forem captados os reajustes da saída do congelamento de preços — como o dos combustíveis. A análise dos indicadores favoráveis é importante porque os fatos aconteceram após a saída da equipe econômica de Zélia Cardoso de Mello. A ministra era bombardeada pelas lideranças empresariais, acusada de criar incerteza.

Com habilidade diplomática, o ministro Marcílio Marques Moreira montou uma equipe experiente e heterogênea e adotou uma atitude cautelosa em relação aos agentes econômicos, não arriscando previsões, nem antecipando medidas bombásticas no campo econômico. A administração dos reajustes de preços passou a ser comandada de forma menos traumática. Tanto bastou para devolver um pouco de tranquilidade à área empresarial que se animou a retomar a produção, con-

tando com resposta do mercado. A recessão teria mesmo chegado ao fundo do poço.

A inversão dos sinais da economia pode sugerir que tudo se deveu à troca de humores da equipe econômica. É preciso, no entanto, destacar que as linhas mestras da política econômica não mudaram. O que teria havido, portanto, foi a retomada da coragem empresarial para tocar seus próprios negócios e esquecer um pouco que o governo existe.

O setor privado brasileiro comete um grave erro ao ficar à espreita da ação do governo. Talvez o vício derive de tantos anos de intervencionismo estatal e do modelo de desenvolvimento liderado pelo Estado, à sombra do qual muitos setores da economia prosperaram, sob o escudo da reserva de mercado ou na condição de principal fornecedor do governo.

Indicadores específicos da indústria, como o crescimento de 15%, em maio, no setor de embalagens (termômetro da variação média da produção futura da indústria), registram a firmeza da recuperação da produção. Há setores cuja recuperação, devido ao efeito multiplicador na atividade econômica, é fundamental para assegurar a retomada do crescimento: a construção civil e a indústria automobilística.

Pela característica de médio e longo prazos das obras de construção civil (um imóvel, uma obra pública ou uma ampliação de fábrica precisam de um ano, pelo menos, para a sua conclusão), a retomada das obras públicas é um sinal claro dado pelo governo de que a ampliação dos gastos não será causa de desequilíbrios orçamentários. A construção da Linha Vermelha, no Rio, e da Hidrelétrica de Xingó, no Nordeste, estão neste caso. É questão de saber interpretar os sinais.